

QUESTÕES PEDAGÓGICAS

NOÇÕES DE NUMISMÁTICA BRASILEIRA (I).

I

INTRODUÇÃO À NUMISMÁTICA BRASILEIRA.

Relação dos reis de Portugal, Imperadores do Brasil e Presidentes da República Brasileira. Denominação de várias partes de uma moeda. Recunhos. Carimbos e contramaças. As legendas nas moedas do Brasil. Cruzes. Valor numismático de uma moeda. Letra monetária. Estado de conservação de uma moeda. A esfera armilar. Formas do escudo português nas moedas. Formas do escudo do Império (nas moedas). Corôa. Florões. Escudos ornamentados e corôas.

* *

•

RELAÇÃO DOS REIS DE PORTUGAL, IMPERADORES DO BRASIL E PRESIDENTES DA REPÚBLICA BRASILEIRA.

Para facilitar consultas históricas damos aqui uma relação dos reis portugueses que interessam ao Brasil, dos imperantes brasileiros e dos Presidentes da República Brasileira.

Corôa Portuguesa.

Dinastia de Avis ou Joanina:

D. Manuel I, o Venturoso, 5.º rei dessa dinastia 1495-1521
Foi o primeiro do título: rei de Portugal e dos Algarves, d'aquém e d'além mar em África, Senhor da Guiné, da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia.
D. João III, o Piedoso 1521-1557
D. Sebastião, o Desejado 1568-1578
D. Henrique, o Cardeal-rei 1578-1580

Dinastia Filipina.

De 1580 a 1640 ficou a Colônia Portuguesa da América, assim como a Metrôpole, sob o domínio da Corôa de Espanha e durante este periodo de tempo reinaram:

Filipe II (1.º de Portugal)	1580-1598
Filipe III (2.º de Portugal)	1598-1621
Filipe IV (3.º de Portugal)	1621-1640

Dinastia Bragantina.

Tendo Portugal reconquistado sua independência em 1640, teve como reis:

D. João IV, o Restaurador	1640-1656
D. Afonso VI, o Vitorioso	1656-1667
D. Pedro II, o Pacífico	1667-1706
D. João V, o Magnânimo	1706-1750
D. José I, o Reformador	1750-1777
D. Maria I, a Piedosa	1777-1797

D. João VI, o Clemente, o qual governou a princípio como herdeiro da Corôa, em consequência da alteração das faculdades mentais de sua mãe, a rainha D. Maria I, e depois sob o título de Príncipe Regente (Decreto de 18 de julho de 1799) 1799-1826.

Império do Brasil.

A Independência do Brasil foi proclamada em 7 de setembro de 1822 e a forma do governo passou a ser então a Monarquia Constitucional Representativa, nos termos da Constituição jurada por D. Pedro I em 25 de março de 1824.

Sob esta forma, teve o Brasil dois soberanos:

D. Pedro I, de 7 de setembro de 1822 a 7 de abril de 1831, quando abdicou da Corôa em nome de seu filho o Sr. Dom Pedro II.

D. Pedro II (depois da Regência) de 23 de julho de 1840 até 15 de novembro de 1889, quando foi proclamada a República.

Presidentes da República dos Estados Unidos do Brasil.

Govêrno Provisório:

Marechal Manuel Deodoro da Fonseca .	1889-1891
Eleito em 25 de fevereiro de 1891, presidente da República, resignou em 23 de novembro do mesmo ano.	
Marechal Floriano Peixoto	1891-1894
De 23 de novembro de 1891 a 15 de novembro de 1894 o Vice-presidente Marechal Floriano Peixoto governou como presidente da República.	
Dr. Prudente José de Moraes Barros	1894-1898
Dr. Manuel Ferraz de Campos Sales	1898-1902
Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves .	1902-1906
Dr. Afonso Augusto Moreira Pena	1906-1910
Faleceu em 14 de junho de 1909, assumindo o Govêrno da República o Vice-presidente Dr. Nilo Procópio Peçanha.	

Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca .	1910-1914
Dr. Wenceslau Pereira Gomes	1914-1918
Dr. Delfim Moreira sucedeu a Rodrigues	
Alves	1918-1922
Para completar o periodo presidencial foi eleito o Dr. Epiácio da Silva Pessoa.	
Dr. Artur da Silva Bernardes	1922-1926
Dr. Washington Luis Pereira de Souza ..	1926-1930
Em consequência de uma revolução, assumiu o governo da República o Dr. Getúlio Dornelas Vargas	1930-1945
Um movimento revolucionário destituiu o Dr. Getúlio Dornelas Vargas, entregando a 29 de novembro de 1945 a chefia do Governo ao Presidente do Supremo Tribunal Federal, Dr. José Linhares, que governou até 31 de janeiro de 1946.	
Dr. José Linhares	1945-1946
General Eurico Gaspar Dutra	1946-1950
Dr. Getúlio Dornelas Vargas	1950-1954
Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira ..	1956

* *

*

DENOMINAÇÃO DE VÁRIAS PARTES DE UMA MOEDA.

Anverso (do lat. *anteversus*, de *ante* e *vertere*). O rosto ou face de uma moeda ou medalha, onde está a effigie ou emblema.

Reverso é a parte oposta ao anverso.

Tipo é o objetivo principal representado na moeda.

Campo é o espaço contido entre a circunferência e o tipo.

Serrilha é a parte lavrada na circunferência das moedas para não serem cerceadas; é o rendilhado que circunda a moeda e que serve de adorno.

Moeda serrilhada é a moeda que tem serrilha.

Serrilhar moeda é abrir ou lavar serrilha em moeda.

Há uma grande e quase infindável variedade de serrilhas. Ao lado das planas, lisas ou limadas são encontradas as de ranhura simples, verticais ou inclinadas em relação ao plano da orla.

Em algumas moedas antigas são encontradas serrilhas de aspecto originaes, resultante da má cunhagem ou de alterações sofridas pelos cunhos e que a técnica da época não pôde ou não soube remediar.

Na moedagem brasileira são relativamente poucas as variedades de serrilhas. No desenho anexo vemos uma variedade de tipos de serrilhas, sendo que as de 1 a 7 estiveram em uso nas peças da coleção brasileira e as restantes são encontradas nas moedas de tôdas as partes do mundo.

BORDO E SERRILHA

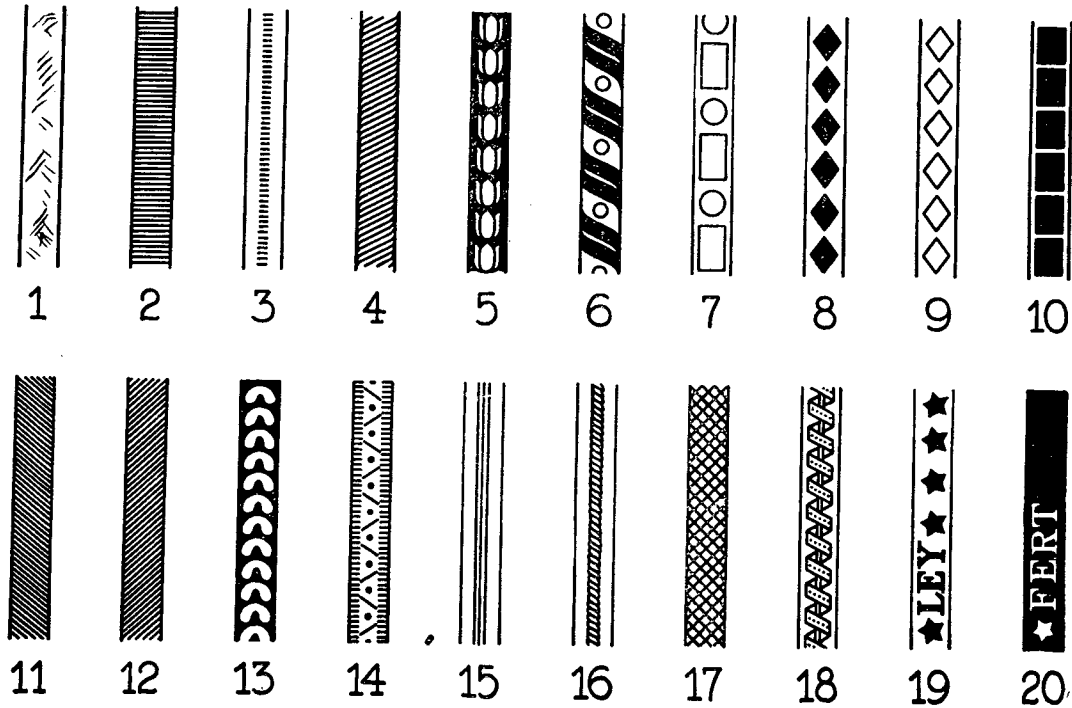


Fig. 1. — Diversos tipos de bordos e serrilhas.

Vejamos a relação:

1. — plana, lisa ou limada.
2. — ranhuras verticais.
3. — bordo liso com ranhuras verticais no centro.
4. — cordão ou encordoada.
5. — cordão de tulipas.
6. — cordão com anéis.
7. — maclas com anéis.
8. — losangos (cheios).
9. — rustras.
10. — retângulos.
11. — ranhuras oblíquas à direita.
12. — idem à esquerda.
13. — em forma de concha.
14. — serrilha de segurança.
15. — cordão fino no centro do bordo liso.
16. — em forma de cordão torcido no centro.
17. — rustrado.
18. — em forma de fita enrolada numa haste.
19. — com inscrição em alto relêvo.
20. — idem em baixo relêvo (1).

A serrilha com tulipas foi a mais usada na moedagem brasileira.

Exergo, assim se denomina o espaço inferior entre o tipo e a legenda.

Legenda é a denominação que se dá à inscrição contida na moeda.

Em geral, nas moedas, foi hábito escrever uma legenda; dada, porém, a pequena área oferecida pela moeda, nem sempre puderam ser escritas por extenso.

As dificuldades de cunhagem das épocas passadas fizeram com que as palavras da legenda fôsem escritas abreviadamente, quando constassem de muitas palavras, muitas letras ou quando o uso da época facultava essa abreviação.

Entretanto, nas moedas antigas do Brasil e de todos os demais países, cada abridor de cunho empregava a abreviatura que convinha ao trabalho que tinha em mãos e de acôrdo com o espaço de que podia dispor. Esse modo de agir serviu para enriquecer com exemplares os mais variados, as coleções numismáticas.

Simbolos são os desenhos que representam qualquer coisa e são colocados no campo ou no exergo.

Orla é o bordo, rebordo, cercadura que limita a superfície das faces da moeda.

(1). — A serrilha de segurança foi adotada em 1932 pela Casa da Moeda de Londres para evitar a falsificação de moedas pelo processo da modelagem. Foi aplicada pela primeira vez em 1933 nas moedas da ilha Mauritius (Kurt Prober, *Manual de Numismática*, Rio de Janeiro, 1945).

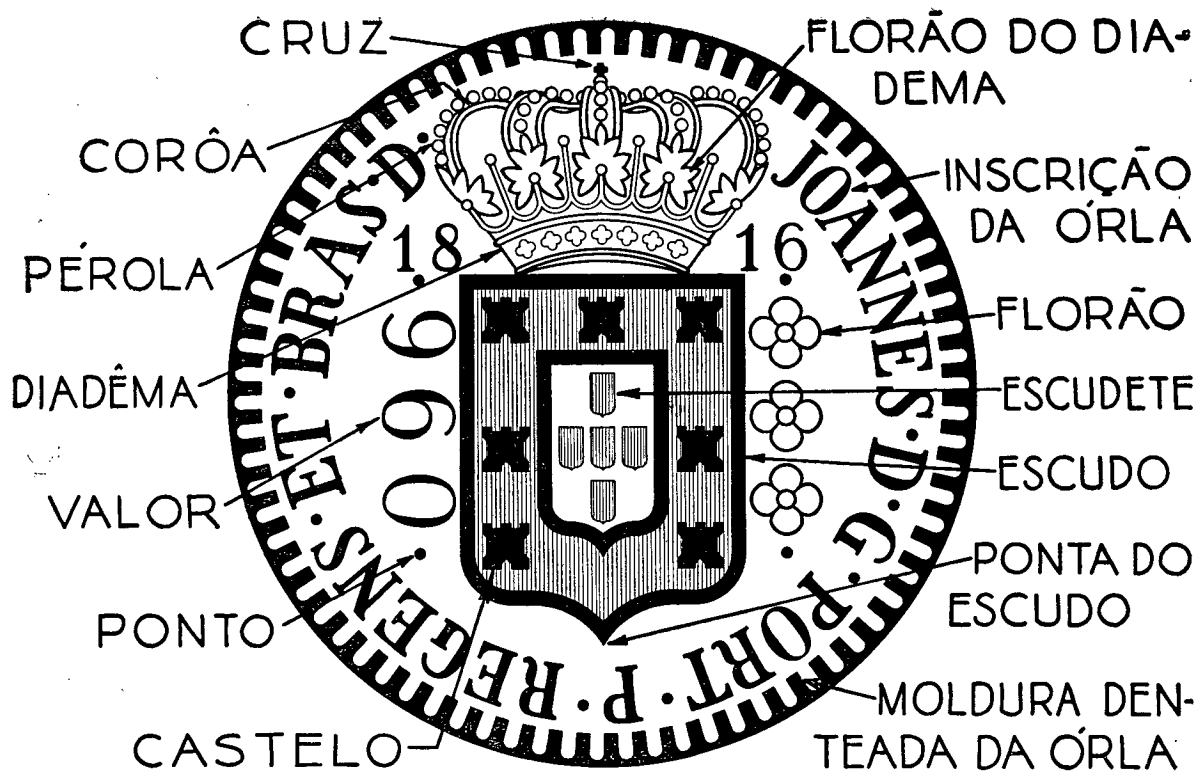


Fig. 2. — *Nomenclatura nomenclatura.*

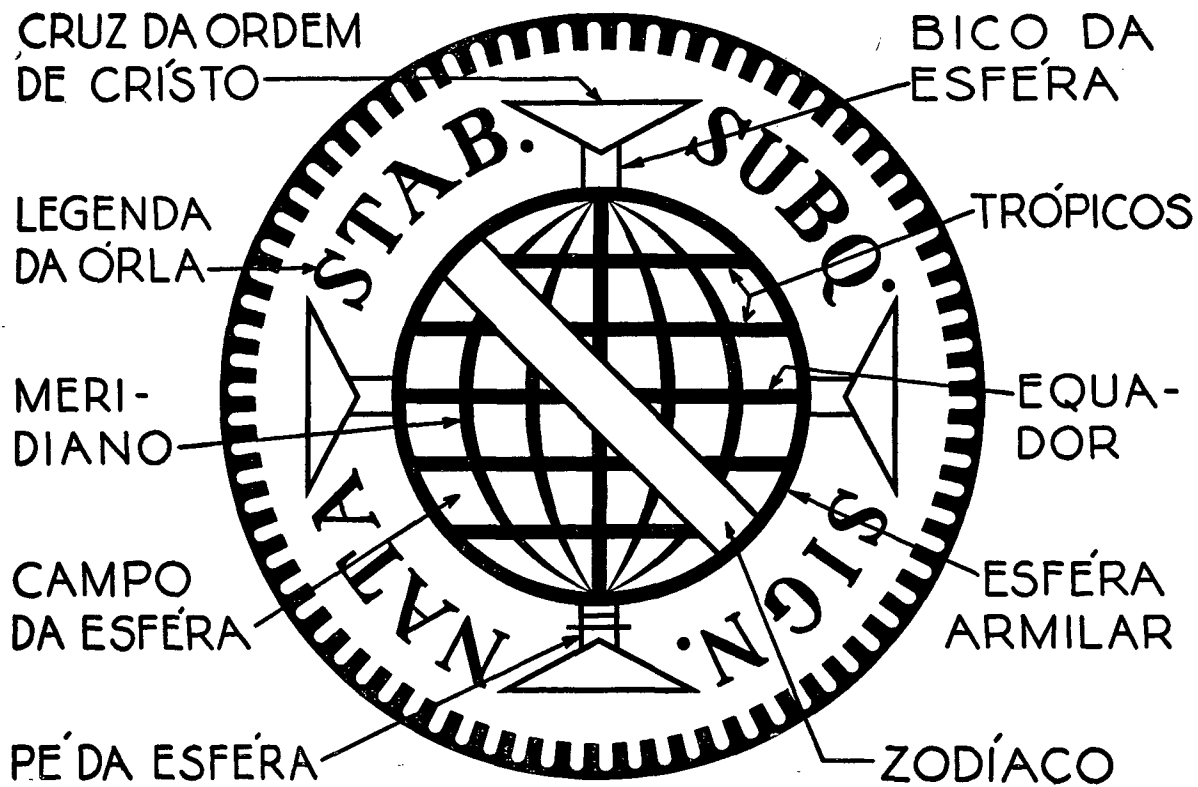


Fig. 3. — Nomenclatura numismática.

Em Heráldica é a guarnição de largura variável gravada e embutida em volta dos escudos.

RECUNHOS.

Recunhar uma moeda é passá-la novamente em outro cunho para assim lhe alterar o tipo, a nacionalidade, o valor, a data ou parte desta.

Grande parte de nossas moedas coloniais de \$960 réis sofreu esta operação, provieram de moedas espanholas do reino ou coloniais, de moedas chilenas, argentinas e mesmo de francos franceses e liras italianas.

Observando-se com atenção uma destas moedas recunhadas, verificar-se-á que ainda conservam traços do cunho primitivo.

CARIMBOS E CONTRAMARCAS.

Escudete era um carimbo especial que as Casas de Fundição aplicavam nas moedas em curso, para dessa forma lhes aumentar o valor nominal e primitivo; era um escudo pequeno usado como ornamento.

A maioria das moedas de cobre receberam o escudete e mesmo grande parte das moedas de prata do tempo do rei D. José I (série dos J), também tiveram o valor alterado pelo escudete.

O *carimbo* também foi aplicado para alterar o valor das moedas, mas em sentido inverso ao do escudete.

Exemplo: uma moeda de cobre de 80 réis ou LXXX, recebia o carimbo "40"; neste caso passava a valer somente a metade do valor primitivo.

Carimbos locais. Eram aplicados para desvalorizar a moeda de 50% quando fora das Províncias para onde as peças tinham sido emitidas, evitando-se assim a evasão da moeda.

Eram estes os carimbos aplicados às moedas. Exemplos:



Fig. 4. — Carimbo do Ceará.

O carimbo é uma estrêla de cinco raios, tendo em cada um a inicial do nome C E A R A'.



Fig. 5. — Carimbos do Maranhão.

1.º carimbo: a inicial M sob os valores XX, X ou V, tudo dentro de um quadrado ou retângulo.

2.º carimbo: um simples M.

Existem também carimbos locais aplicados sôbre moedas de prata estrangeiras, transformando-as assim facilmente em nacionais de \$960 réis, como o de Minas (1808-1810), apostos em moedas espanholas, argentinas e nas de 5 francos franceses, que ficaram valendo dessa maneira “três patacas”, sendo de notar que em geral estas peças assim alteradas, têm grande valor numismático.

Um exemplar com o carimbo “Cuiabá” por extenso, é raríssimo.

E’ pois prudente antes de vender ou trocar uma moeda, mandá-la examinar por um numismata, para que se evite um prejuízo cedendo muitas vêzes uma peça pelo décimo de seu valor real.

Contramarcas. São sinais feitos pelos governos ou particulares sôbre as moedas.

Nos primeiros quarenta anos do largo período imperial de Pedro II, houve uma grande escassez de moeda, o que dificultava a vida comercial.

Impôs-se uma iniciativa: os particulares carimbavam as moedas de cobre com sinais convencionais e, em conseqüência dêsses sinais, eram as moedas aceitas pelo público por um valor fictício que lhes era atribuído na época.

Vários foram êsses sinais: figuras, letras, monogramas, nomes por extenso dos carimbadores, etc.

Êste abuso só cessou com a grande emissão de moedas de níquel em 1871 e *notas de quinhentos réis* em 1874.

A moeda carimbada ou contramarcada tem a sua principal importância no carimbo ou contramarca, que deve ser objeto de estudo especial em detrimento de tudo o mais que nela se possa encontrar.

A legitimidade dos carimbos, as suas formas, representações, etc., têm um interesse que depende da importância que se atribui à moeda.

Quando feitos pelos governos, servem para conhecimento da história da moeda no país em que se experimentou a variação. Às vezes êsses carimbos prestam-se a mistificação e outras vezes a servir a ideais políticos.

Exemplo: A República Riograndense pela lei de 8 de julho de 1838, mandou aplicar nas moedas do Império uma contramarca unifacial para criar uma moeda provisória da jovem República e para inspirar maior confiança, essa contramarca dava às moedas de cobre o valor da quarta parte e aos pesos o valor de 960 réis. Assim procedendo, visavam dar à moeda da República um maior valor do que a do Império de igual pêsô e qualidade.

Carimbo interessante foi o usado nas cidades mineiras de Santa Luisa, Sabará, Congonhas do Campo e São João D'El-Rey; para satisfazer a uma devoção pelas festas do Divino Espírito Santo, era uso gravar nas moedas juntamente com a data, a legenda: *Divino Espírito Santo*; em outras gravavam uma pomba com as asas abertas e até o ano de 1911, eram encontradas moedas com êsse tipo de carimbo.

AS LEGENDAS NAS MOEDAS DO BRASIL.

No tempo do Brasil Colônia e no Império foram muito usadas as seguintes legendas latinas:

Subq. sign. nata. stab. — Sob o sinal nasceu e permanecerá.

Moderato splendeat uso — Brilhará pelo uso moderado.

Pecunia totum circumit orbem — O dinheiro circula por todo o mundo.

Aes usibus aptius auro — O cobre é mais próprio para uso do que o ouro.

In hoc signo vinces — Com êste sinal vencerás.

Foi no regime republicano que nas moedas do Brasil começaram a ser usadas legendas em português e, em geral, escritas sem abreviaturas.

Vejamos algumas dessas legendas:

A Economia faz a Prosperidade.

Ordem e Progresso.

Vintém poupado, vintém ganho.

4.º Centenário do Descobrimento do Brasil.

1.º Centenário da Independência.

4.º Centenário da Colonização do Brasil

ERROS NAS LEGENDAS.

Os erros que aparecem nas legendas das moedas influem grandemente no valor numismático e êstes erros são comuns na moedagem colonial: falta de letras, letras invertidas, letras trocadas, etc.

E' claro que êsses erros correm por conta dos gravadores, revisores e da pequena quantidade de matéria prima que impedia a confecção de novos cunhos.

Falando em erros é preciso não confundir com as moedas mutiladas accidental ou intencionalmente. Estas perdem o valor numismático, exceto quando raríssimas e nelas só se considera o valor metálico.

Moeda orlada é a que tem orla, é a moeda guarnecida com orla.

Orladura é a ação ou efeito de orlar.

Em geral a orla é mais elevada do que tôdas as gravuras da face da moeda. O seu emprêgo é antes proteger a superfície da moeda, do que simples motivo de decoração.

As orlas começaram a ser usadas no século XVI.

CRUZES.

A *cruz* é um dos elementos decorativos que se encontra mais freqüentemente nas antigas ornamentações. Foi ornato nos túmulos cristãos, nos altares, nos monumentos.

Nos documentos da Idade Média é encontrada ora no comêço, significando uma invocação, ora no fim exprimindo uma assinatura.

Na Índia era o símbolo religioso do fogo sagrado; no Egito a cruz simbolizava a imortalidade; com os braços dobrados em forma de Z (*cruz suástica*), é comum na velha arte escandinava e indiana.

Há quatro espécies principais de cruz, a saber:

1. — *Cruz comissa, cruz patibulata*; cruz sem cimo, é a cruz em T dos iconólogos; é a chamada Cruz em Táu.
Entre os gentios simbolizava a vida, a felicidade e a saúde.
Foi muito usada como ornamento religioso e manifestação de fé nos primeiros túmulos cristãos.
2. — *Cruz immissa, cruz capitata*; cruz com cimo, formada por uma haste vertical e uma barra horizontal.
E' a cruz de quatro ramos, da qual há duas variedades principais: cruz grega e cruz latina.
3. — Cruz com dupla travessa; cruz episcopal, cruz patriarcal, cruz russa, cruz de Lorena.
4. — Cruz de triplíce travessa; só usada por S. Santidade o Papa.

CRUZES EMPREGADAS NAS ORNAMENTAÇÕES DAS CORÓAS

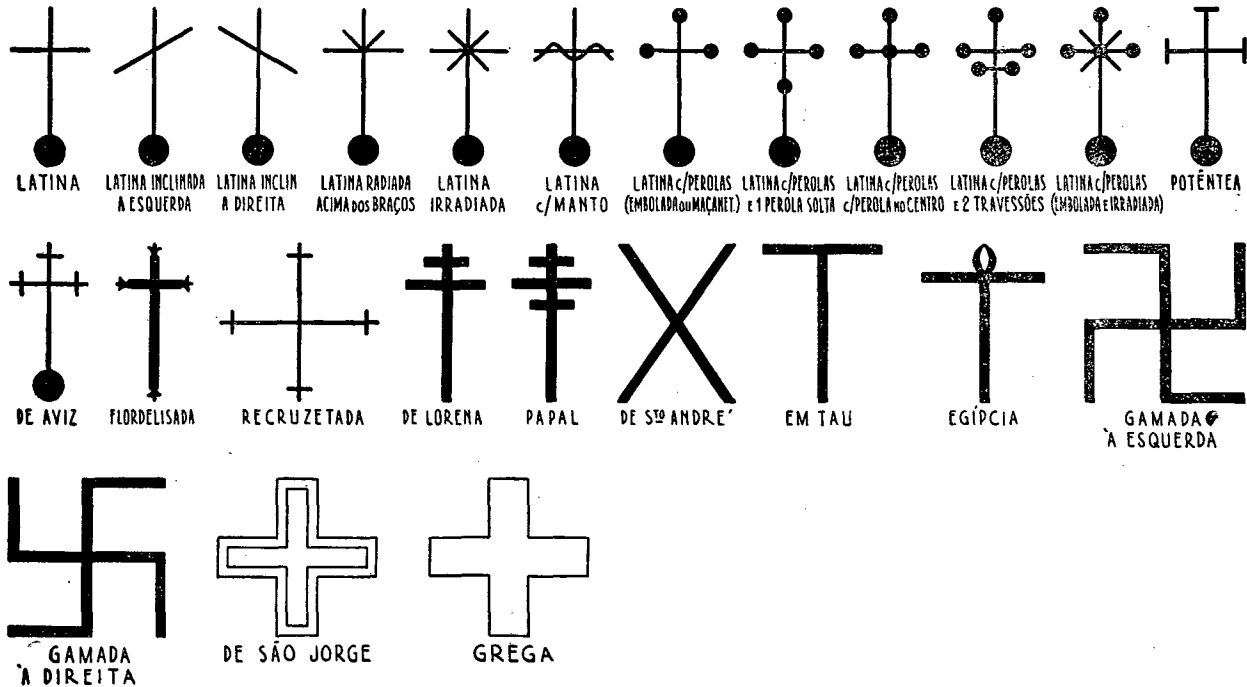


Fig. 6. — Cruzes empregadas nas ornamentações das corôas.

Na Heráldica a cruz é peça de grande importância, onde apresentará disposições, proporções e formas que variam em função de vários fatores.

Na Numismática a cruz começou a aparecer nas moedas a partir do século IV.

Valentiniano I (Flavius Valentinianus) imperador romano, nascido na Ponônia, em Cibalis, no ano 321 e falecido em Bergetio, em 375, era cristão. Proclamado imperador pelo exército de Nicéia, após a morte de Joviano, determinou que figurasse a cruz nas moedas que mandou cunhar.

D. Manuel I mandou que fôsse representada a Cruz da Ordem Militar de Cristo, na moeda chamada *Português*.

D. Afonso V tendo recebido a Bula da Cruzada para iniciar a Guerra Santa, a qual lhe foi mandada pelo Papa Pio II, mandou cunhar uma moeda a que deu o nome de *cruzado* e na qual aparece a Cruz de São Jorge.

Sob D. João IV começa a ser usada o escudo do reino sôbre a Cruz da Ordem de Cristo.

Em quase tôdas as Ordens de Cavalaria tornou-se insígnia distintiva, existindo um grande número de Ordens Honoríficas em que predomina a cruz: Ordem da Cruz Branca ou da Fidelidade, Ordem da Cruz de Borgonha, Ordem da Cruz Estrelada, Ordem da Cruz de Ferro, etc.

Na Numismática a cruz apresenta sérias dificuldades ao colecionador novato, dada a grande variedade de tipos empregados na ornamentação das corôas; embora não seja conhecido o motivo de tanta diversidade de cruzes, presume-se fôsse uma iniciativa particular dos abridores de cunho, para reconhecerem mais tarde os seus trabalhos.

No desêenho anexo figuram vários tipos de cruzes.

VALOR NUMISMÁTICO DE UMA MOEDA.

O valor numismático de uma moeda cresce com o seu melhor estado de conservação e o preço dela não tem relação alguma com sua antigüidade, nem com o valor do metal com que foi confeccionada, mas sim, com a relativa raridade do "espécime", devido à pouca quantidade cunhada ou a outros fatores que diminuíram a quantidade inicial.

LETRA MONETÁRIA.

Influi muito no valor de uma moeda, a *letra monetária*. A letra monetária nos indica a Casa de Fundição onde a moeda foi cunhada ou recunhada. Esta letra pode estar situada no anverso ou no reverso.

As moedas cunhadas ou recunhadas no Brasil trazem as seguintes letras monetárias:

B	Bahia
R	Rio de Janeiro
P	Pernambuco
M	Minas Gerais
C	Cuiabá
G	Goiás
S. P.	São Paulo

ESTADO DE CONSERVAÇÃO DE UMA MOEDA.

Para facilitar a descrição de uma peça numismática foi adotado universalmente um certo número de símbolos que indicam o estado da moeda, como veremos:

Símbolo — C 1 ou F. C. — Significa a moeda tal qual saiu da Casa da Moeda. Que não teve circulação. Arestas vivas, serrilha perfeita, superfície como um espelho. Chama-se *flor de cunho*.

Símbolo — C 2 ou S — Perfeita sob todos os pontos de vista, mas com alguma circulação, superfície um pouco marcada. Chama-se *soberba*.

Símbolo — C 3 ou B — Com pequena circulação e marcas um pouco mais visíveis que a anterior. Chama-se *bela*.

Símbolo C 4 ou M. B. C. — Moeda que circulou, mas com todos os detalhes bem visíveis. Chama-se *muito bem conservada*.

Símbolo — C 5 ou B. S. — Moeda que circulou bastante, mas com todos os detalhes perfeitamente visíveis. Chama-se *bem conservada*.

Símbolo — C 6 ou R — Moeda bastante gasta devido à circulação, mas com os desenhos e títulos visíveis. Chama-se *regular*.

Símbolo — C 7 ou P — Moedas com os desenhos apagados ou desfigurados em parte. Chama-se *pobre*. Estas moedas excetuando as de grande raridade, têm somente o valor do metal com que foram confeccionadas.

Os numismatas norte-americanos simplificaram a escala de 7 pontos, reduzindo-a para 6 desta forma:

- P — Prof. — igual à *Flor de Cunho*.
- M — Mint. — igual à *Soberba*.
- V. F. — Very Fine — igual à *Bela*.
- F. — Fine — igual à *Muito bem conservada*.
- V. G. — Very Good — igual à *Bem conservada*.
- G. — Good — igual à *Regular*.

A ESFERA ARMILAR.

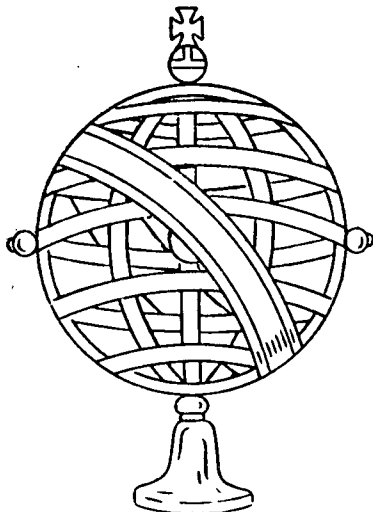


Fig. 7. — A esfera armilar.

A esfera armilar, divisa pessoal de D. Manuel I, recorda o soberano em cujo reinado se descobriu o Brasil.

Este instrumento já usado pelos antigos gregos para dar idéia dos movimentos aparentes dos astros, compunha-se de dez armilas: o meridiano, o horizonte, os dois coluros, a elítica com o zodíaco, os dois trópicos e os dois círculos polares, figurando a terra no centro. Foi muito usado na época dos descobrimentos, nas escolas em que se ensinava a arte de navegar.

Atribui-se a invenção dêste instrumento a Tales (2) ou a Anaximandro (3).

Como símbolo, é empregado desde a Antigüidade, significando autoridade, domínio, império, poder, soberania, etc.

A esfera armilar na Numismática. Só foi usada com alguns signos do zodíaco, em moedas de cruzado e meio cruzado no reinado de D. João VI.

(2). — *Tales*, filósofo grego, nasceu, segundo uma versão, em Mileto, pelo ano 640 a. C. Era o mais antigo e ilustre dos sete sábios. A sua celebridade proveu-lhe de ter predito um eclipse central do sol que as computações astronômicas fixam no ano de 610 a. C. E' considerado como um dos criadores da física, da astronomia e da geometria.

(3). — *Anaximandro*, filósofo grego, nasceu pelo ano de 610 a. C. e foi discípulo de Tales. Os antigos atribuíram-lhe um grande número de invenções, entre as quais a esfera, do gnomon, das cartas geográficas e dos globos celestes. Foi o primeiro a ensinar a obliquidade da elíptica e conseguiu provar que a terra é redonda e que é do Sol que a lua recebe a luz.

A esfera armilar não foi empregada nas moedas de ouro cunhadas no Brasil, antes da adoção das Armas do Reino Unido.

Nas moedas de prata a esfera foi colocada sobre a Cruz da Ordem de Cristo. O diâmetro da esfera foi escolhido de modo a só deixar aparecer as pontas dos braços da cruz.

E' comum serem ornamentados os braços verticais com os enfeites relativos ao bico e ao pé da esfera.

Entre os braços da cruz, em círculo concêntrico à esfera, é distribuída a legenda:

Subq. Sign. Nata. Stab.

Uma palavra em cada braço, da direita para a esquerda, de cima para baixo.

O bico e o pé da esfera. Variam muito de aspecto em consequência do gosto e da habilidade do gravador. São encontrados desde o tipo tosco e simples, até o mais artístico.

FORMAS DO ESCUDO PORTUGUÊS NAS MOEDAS.

Nas moedas, medalhas, selos, estampas e bandeiras a forma do escudo é muito variável, conforme as épocas.

As moedas cunhadas nos reinados de D. João II e D. Manuel I apresentam um escudo ponteagudo e nas de D. Manuel I a D. Sebastião, encontra-se mais frequentemente o chamado *escudo português*, cuja base é redonda.

O escudo português ainda era usado por D. Pedro II de Portugal (1667-1706). Pelo exame das moedas, depreende-se que foi D. João V quem primeiro usou o *escudo sanitico* que se encontra nas armas de todos os seus sucessores até D. Manuel II, o rei deposto pela revolução republicana de 1910.

A partir de D. Pedro II não se encontra mais nas moedas o escudo português. Daí em diante o escudo não ornamentado é sempre sanitico; apenas D. João VI usou, antes e depois da fusão das armas do Brasil com as de Portugal, um *escudo elíptico* simples, ora com, ora sem ramagens.

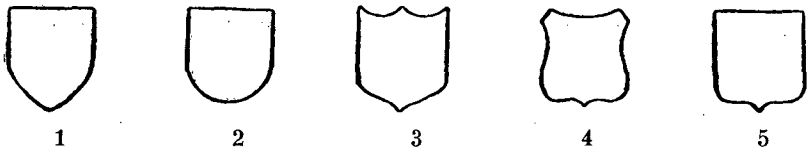


Fig. 8. — Formas do escudo português nas moedas.

1. — D. João II a D. Sebastião.
2. — D. Manuel I a D. Pedro II.
3. — D. João III.
4. — D. João VI.
5. — Sanítico.

FORMAS DO ESCUDO DO IMPÉRIO (nas moedas).

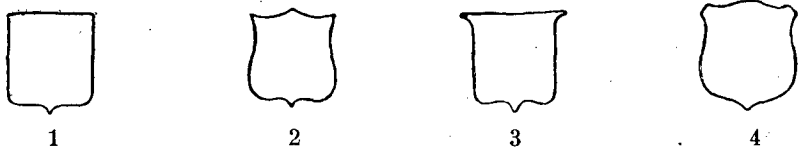


Fig. 9. — Formas do escudo do Império.

1. — 1822 a 1833.
2. — 1833 a 1848.
3. — 1849 a 1889.
4. — 1867 a 1889.

O Império mantêve a tradição dos emblemas heráldicos anteriores do Brasil, conservando o principal elemento dos escudos de 1645 e de 1816 e acrescentando-lhe ainda a Cruz da Ordem de Cristo, formoso símbolo que tem para o povo brasileiro uma alta significação, porque recorda as duas grandes epopéias dos nossos antepassados, pois figurou nas bandeiras das caravelas da Descoberta e nas dos homéricos Bandeirantes.

A esfera armilar atravessada pela Cruz da Ordem de Cristo, exatamente como se encontrava no braço imperial, já aparecia nas primeiras moedas brasileiras cunhadas em 1683.

No padrão oficial da bandeira do Império, remetido em 1822 ao governo de São Paulo, vê-se um escudo sanítico, de cantos superiores em ângulo agudo. Em tôdas as moedas do Primeiro Império e em tôdas as do Segundo, cunhadas até 1833, figura, porém, o escudo sanítico corretamente desenhado, com os cantos superiores em ângulo reto. As moedas de 1833 a 1848, as de 1849 a 1889 e as de 1867 a 1889, apresentam escudos de formas particulares. Nas moedas, o número de estrêlas é sempre dezenove, desde 1822 até 1889 (4).

CORÔA.

O uso da corôa era muito freqüente na Antigüidade. Na origem, as corôas eram simplesmente de folhagens ou flôres entrelaçadas e esta tradição até hoje se mantém. Mas muito cedo fizeram-se também corôas de metal ou um simples círculo de ouro, trabalhado, enriquecido de gemas e ornado de florões.

Depois de Constantino a corôa tornou-se insígnia da dignidade imperial.

Na Idade Média e nos tempos modernos, as corôas usadas pelos soberanos e príncipes nas cerimônias, conservaram-se no seu ti-

(4). — Clovis Ribeiro, *Brazões e Bandeiras do Brasil*, São Paulo, 1933.

po médio, sob a forma heráldica, mas através dos tempos, seus tipos têm variado extraordinariamente.

A corôa com a flor de lís dos reis de França data do século XIV, mas só a partir do século seguinte é que as corôas soberanas foram fechadas por meio de diademas reunidos no vértice por uma dupla flor de lís para os reis de França e por um globo representando o mundo, para os outros monarcas.

As corôas são usadas hoje como insígnia privativa, pelos imperadores e reis.

Na Numismática do Brasil encontramos uma grande variedade de corôas, devendo-se levar em conta para o seu estudo, os *diademas*, as *pérolas* e os *arcos*.

Diadema é o ornato que consiste em um círculo de metal ou em uma fita com que os reis e as rainhas cingiam a cabeça. Representa a autoridade ou dignidade real.

Nos diademas cumpre observar a diversidade dos florões, fôlhas, cruzetas, anéis, etc.

Pérolas ou gemas, são os pequenos ornamentos contidos na corôa. Elas podem ser soltas, sobrepostas ou deslocadas.

Arcos são as peças que formam a corôa, podendo ser em forma de gancho, duplos, triplos, etc.

São detalhes importantes para a classificação das peças.

FLORÕES.

Os florões são ornamentos em forma de flor, também denominados *rosetas*.

São usados como ponto final, separação de data, de legenda, de letra monetária, etc.

Há diversos tipos de florões, como se segue:

Tripétalo ou *trifólio* — tem três pétalas, sendo encontrado nas moedas de ouro.

Tetrapétalo ou *quadrifólio* — tem quatro pétalas, geralmente denominado *cruzeta*.

Pentopétalo ou *quinqüetólio* — tem cinco pétalas.

Hexapétalo — florão de seis pétalas a que também dão o nome de *roseta*.

Além dêstes, existem séries de florões ornamentais, como sejam: florões com fôlhas duplas, com o centro ornado, fôlhas sombreadas, etc.

ESCUDOS ORNAMENTADOS E CORÔAS.

Usaram escudos ornamentados em estilo barroco, por vêzes muito interessantes, ora elípticos, ora em formas caprichosas, D.

CORÔAS SEM ARCOS INTERNOS

DIADÊMA SEM PÉROLAS



PÉROLAS
SOBRE ARCOS



PÉROLAS
ENTRE 2 ARCOS

DIADÊMA COM PÉROLAS



PÉROLAS
SOBRE ARCOS



PÉROLAS
ENTRE 2 ARCOS

CORÔAS COM ARCOS INTERNOS

CORÔAS SEM HASTE CENTRAL

CORÔAS COM HASTE CENTRAL

DIADÊMAS SEM PÉROLAS



PÉROLAS
ENTRE 2 ARCOS



PÉROLAS
SOBRE ARCOS



PÉROLAS
SOBRE ARCOS



PÉROLAS
ENTRE 2 ARCOS

CORÔA SEM HASTE CENTRAL CORÔAS COM HASTE CENTRAL

DIADÊMAS COM PÉROLAS

PÉROLAS SOBRE ARCOS



PÉROLAS SOBRE ARCOS



PÉROLAS ENTRE 2 ARCOS



Fig. 10. — *Diversos tipos de corôas.*

Pedro II, D. João V, D. José I, D. Maria I e D. João VI, como se poderá ver na ilustração anexa.

Nas armas que se vêm nas coleções numismáticas, até pouco antes da dominação espanhola, a corôa real é sempre aberta, passando daí em diante a ser uniformemente fechada.

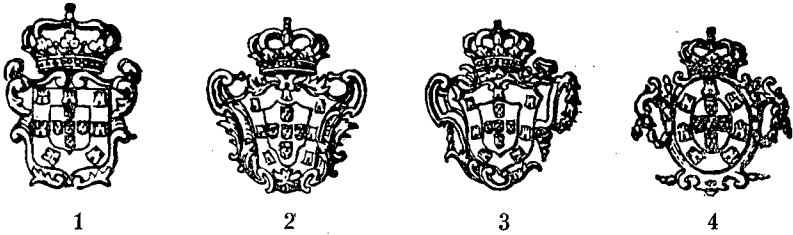


Fig. 11. — Escudos ornamentais e corôas.

1. — D. Pedro II.
2. — D. João V.
3. — D. José I.
4. — D. João VI.

ABREVIATURAS.

- AV — *Auro* — Ouro.
AR — *Argentum* — Prata.
AE — *Aes* — Cobre.
BR — Bronze.
NI — Niquel.
L — Latão.
? — Metal não classificado.
S/C — Sem carimbo.
C/C — Com carimbo.
M/M — Diâmetro em milímetros.
Gr — Pêso em gramas.
Anv — Anverso.
R/ — Reverso.

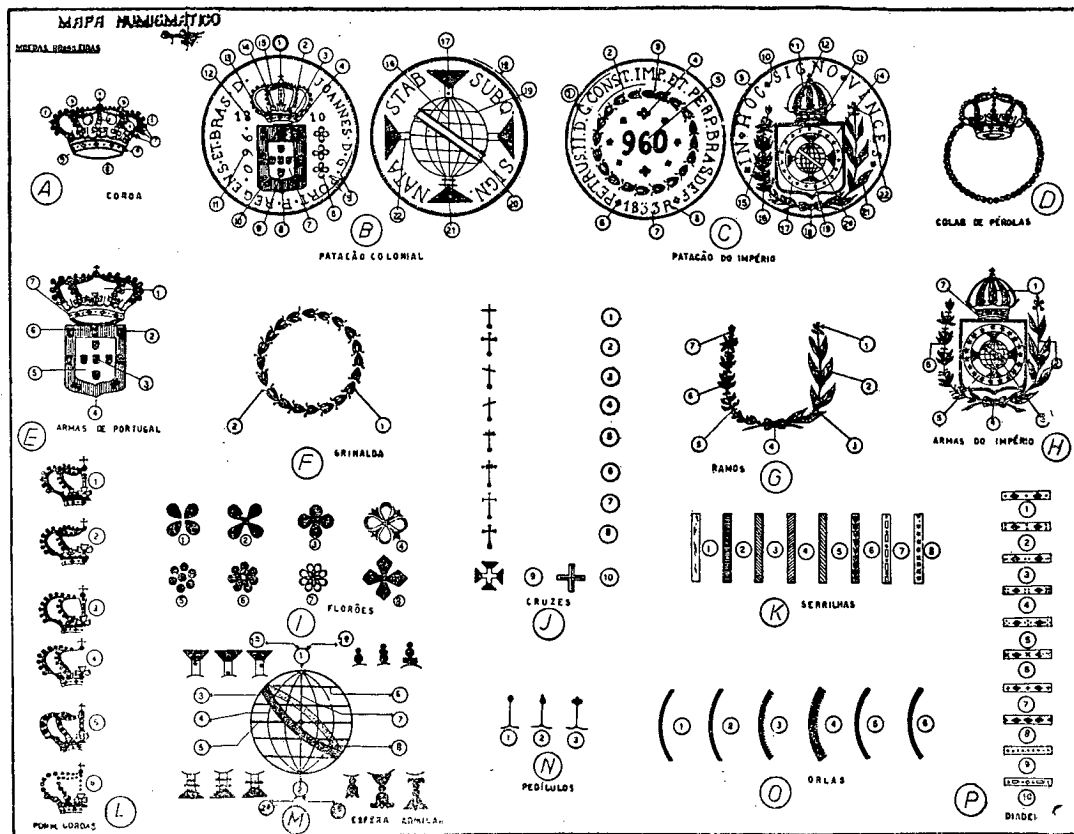


Fig. 12. — Mapa Numismático organizado pelo Museu e Arquivo Histórico do Banco do Brasil.

A) — CORÔA.

- 1, 2 e 3 — Arcos.
- 4 — *Pedículo.*
- 5 — *Cruz.*
- 6 — *Diadema.*
- 7 — *Pérolas.*
- 8 — *Haste.*
- 9 — *Florão da corôa.*

B) — PATACÃO COLONIAL.

- 1 — *Cruz.*
- 2 — *Arcos externos.*
- 3 — *Pedículo.*
- 4 — *Diadema.*
- 5 — *Legenda.*
- 6 — *Florões.*
- 7 — *Armas de Portugal.*
- 8 — *Ponta do escudo.*
- 9 — *Escudete.*
- 10 — *Castelo.*
- 11 — *Valor.*
- 12 — *Data.*
- 13 — *Pérolas dos arcos.*
- 14 — *Arcos intermediários.*
- 15 — *Arcos internos.*
- 16 — *Eixo da esfera.*
- 17 — *Bico.*
- 18 — *Divisa.*
- 19 — *Zonas.*
- 20 — *Zodiaco.*
- 21 — *Pé.*
- 22 — *Braços da Cruz de Cristo.*

C) — PATACÃO DO IMPÉRIO.

- 1 — *Legenda.*
- 2 — *Grinalda (tulipas).*
- 3 — *Antera da tulipa.*
- 4 — *Florões irregulares.*
- 5 — *Valor.*
- 6 — *Florões do exergo.*
- 7 — *Data.*
- 8 — *Letra monetária.*
- 9 — *Divisa.*
- 10 — *Florões da legenda.*
- 11 — *Corôa.*
- 12 — *Cruz.*
- 13 — *Diadema.*
- 14 — *Escudo clássico.*
- 15 — *Grãos de café.*
- 16 — *Fôlhas de café.*
- 17 — *Bordadura de estrêlas.*
- 18 — *Laço Nacional.*
- 19 — *Braços da cruz.*
- 20 — *Estera Armilar.*
- 21 — *Fôlhas de tabaco.*
- 22 — *Flores de tabaco.*

O número de flores, grãos e fôlhas é variável.

D) — CORÔA E COLAR DE PÉROLAS.

Em moedas de cobre do período colonial.

E) — ARMAS DE PORTUGAL.

- 1 — *Corôa.*
- 2 — *Castelos (7).*
- 3 — *Escudetes (5).*
- 4 — *Ponta do escudo.*
- 5 — *Escudo de Portugal.*
- 6 — *Escudo de Algárvia.*

F) — GRINALDA.

- 1 — *Tulipas.*
- 2 — *Antera da tulipa.*

G) — RAMOS.

- 1, 2 e 3 — *Ramo de Tabaco.*
- 4 — *Laço Nacional.*
- 5, 6 e 7 — *Ramo de Café.*

H) — ARMAS DO IMPÉRIO.

- 1 — *Corôa.*
- 2 — *Ramo de Tabaco.*
- 3 — *Estera Armilar.*
- 4 — *Laço Nacional.*
- 5 — *Bordadura de Estrêlas.*
- 6 — *Ramos de Café.*
- 7 — *Diadema da Corôa.*

I) — FLORÕES.

- 1, 3 e 6 — *Sem âmago.*
- 2, 4 e 7 — *Com âmago.*
- 5 e 8 — *Estilizados.*

J) — CRUZES.

- 1 — *Latina.*
- 2 — *De pérolas.*
- 3 e 4 — *Inclinadas.*
- 5 — *Raiada.*
- 6 — *Mista.*
- 7 — *Potentéa.*
- 8 — *Pátea.*
- 9 — *De Cristo.*
- 10 — *De São Jorge.*

K) — SERRILHAS.

- 1 — *Lisa.*
- 2, 3 e 4 — *Caneladas.*
- 5 — *Encordoada.*
- 6 — *De tulipas.*
- 7 — *Ornamentadas.*
- 8 — *Com inscrições.*

L) — PORMENORES DA CORÔA.

- 1 — *Arcos internos e haste central.*
- 2 — *Arcos internos sem haste central.*
- 3 — *Sem arcos internos com haste central.*
- 4 — *Sem arcos internos e sem haste central.*
- 5 — *Pérolas entre os arcos.*
- 6 — *De pérolas soltas.*

M) — ESFÉRA ARMILAR.

- 1 — *Bicos.*
 - 1a. *moedas de prata.*
 - 1b. *moedas de cobre.*
- 2 — *Pés.*
 - 2a. *moedas de prata.*
 - 2b. *moedas de cobre.*
- 3 — *Zodiaco.*
- 4 — *Armiças.*
- 5 — *Equador.*
- 6 — *Zonas.*
- 7 — *Eixo.*
- 8 — *Sombra do zodiaco.*

Tipos: circular e oval.
Pormenores: traços finos ou grossos; zonas retas ou curvas; zodiaco com e sem sombra.

N) — PEDICULOS.

- 1 — *De pérola singela.*
- 2 — *De pérolas duplas.*
- 3 — *De roseta.*

O) — ORLAS.

- 1 — *Moldura larga ou estreita.*
- 2 — *Moldura e filete.*
- 3, 4 e 6 — *Denteadas.*
- 5 — *Moldura e colar de pérolas.*

P) — DIADEMAS.

- 1, 2, 3, 4 e 5 — *Lozangos e pérolas.*
- 6 — *Lozangos e X.*
- 7 — *Lozangos e cruces.*
- 8 — *Lozangos.*
- 9 — *Pérolas.*
- 10 — *Diversos modelos e combinações podem ser encontrados.*

TIPOS DE MOEDAS RECUNHADAS.



Fig. 13. — *Tipo de recunho sôbre moeda de prata.* Moeda espanhola de 8 reales de Carlos III, de 1803. Recunho nas duas faces: no anverso as armas de Portugal e a legenda *Mato Grosso*. No reverso, a esfera armilar.



Fig. 14. — *Tipo de recunho sôbre moeda de prata.* Moeda espanhola de 8 reales de Fernando VII, de 1814. Recunho nas duas faces. No anverso a corôa portugûesa, o valor 960 sôbre a inicial C (Cuiabá), ladeadas por dois ramos de carvalho. No reverso, a esfera armilar e o escudo portugûes.



Fig. 15. — *Tipo de recunho sôbre moeda de prata.* Carimbo de Mato Grosso.



Fig. 16. — *Tipo de recunho sôbre moeda de prata.* Sôbre moeda de Carlos VII, de 1809, recunho parcial uniface, com a corôa e o escudo português.



Fig. 17. — *Tipo de recunho sôbre moeda de prata.* Sôbre moeda espanhola de 8 reales, de Fernando VII, de 1809, recunho parcial uniface representado por uma estrêla com a palavra Ceará, tendo ao centro uma pequena estrêla.



Fig. 18. — *Tipo de recunho sôbre moeda de prata.* Sôbre moeda de 960 réis de D. João VI, de 1813, recunho parcial de uma única face. No anverso o barrete frígio irradiante sôbre a palavra Piratini entre duas cruzes formadas por cinco pontos cada; ao alto a data: 1835.



Fig. 19. — *Tipo de recunho sobre moeda de prata.* Sobre dois mil réis do Império, um recunho parcial com o capacete constitucionalista e as iniciais C. O. (Campanha do Ouro) e a data 1932.



Fig. 20. — *Tipo de recunho sobre moeda de prata.* Sobre 8 reales de Carlos III, recunho biface: escudo com corôa e o valor 960 ladeados por dois ramos. No reverso a esfera armilar.

II

O NUMERÁRIO PORTUGUÊS APLICADO À COLÔNIA DO BRASIL ATÉ 1694.

A moeda espanhola de prata no meio circulante do Brasil a partir de 1587. Outros meios de escambo.

A história monetária do Brasil compreende duas fases bem distintas:

- 1a. — *A Colonial.*
- 2a. — *A do Brasil Independente.*

A primeira inicia-se com a colonização portuguesa em 1532, no reinado de D. João III, e vai até 1822.

A segunda começa em 1822, vindo até nossos dias.

Cada uma delas compreende dois períodos:

Colonial.

1.º período — que vai do início da colonização portuguesa até 1694, no qual encontramos aqui circulando o numerário da antiga Metrópole, então comum aos domínios, excetuando-se a Índia para a qual Portugal tinha criado desde logo um sistema monetário de acôrdo com o meio circulante dos povos indianos, já usando também a moeda metálica; ao lado do numerário português, figurava também a moeda espanhola de prata, a partir de 1587.

2.º período — que se inicia em 1695, com as primeiras espécies monetárias cunhadas na Casa da Moeda da Bahia, especialmente destinadas ao Brasil.

Brasil Independente.

1.º período — a série imperial, composta das moedas do primeiro e segundo reinados.

2.º período — a série da República, que de 1889 vêm até nossos dias.

O quadro abaixo mostra melhor estas divisões.

Períodos da História Monetária Brasileira

Fase Colonial	1.º Período 1532-1694	{ 1532-1694, moedas portuguesas. 1587 em diante, moedas de prata espanholas. 1645, 1646 e 1654, as moedas cunhadas em Pernambuco pelos holandeses (obsidionais). Ouro em pó. 1601 em diante, algodão em fio e em tecido no Maranhão. 1621 em diante, o zimbo, moeda dos negros de Angola, prática continuada depois na Bahia.	
	2.º Período 1695-1822	Moeda Provincial para o Brasil	{ Reinados de: D. Pedro II 1683-1706 D. João V 1706-1750 D. José I 1750-1777 D. Maria I e Pedro III .. 1777-1786 D. Maria I, viúva 1786-1805 D. João P. Regente 1799-1818 D. João VI 1818-1822
Fase do Brasil Independente	3.º Período 1822-1889	Série Imperial	{ Reinados de: D. Pedro I 1822-1831 D. Pedro II 1831-1889
	4.º Período 1889 em diante	{ Série Republicana 1889

FASE COLONIAL.

PRIMEIRO PERÍODO. 1532 A 1694. O NUMERÁRIO PORTUGUÊS
E ESPANHOL APLICADO À COLÔNIA.

Pedro Álvares Cabral foi o almirante escolhido pelo rei D. Manuel I para levar à Índia a segunda esquadra portuguesa pelo caminho descoberto por Vasco da Gama.

Sob seu comando parte de Lisboa, a 9 de março de 1500, uma esquadra composta de treze navios. As instruções que recebeu recomendavam-lhe que na altura de Guiné se afastasse quanto possível das costas da África para evitar as calmarias; um temporal, porém, desvia o rumo de sua esquadra, impelindo-a para o oeste, até que na tarde de 22 de abril de 1500, surgia para o mundo a terra brasileira.

Nos primeiros momentos após a descoberta, houve nesta parte da América a simples permuta dos produtos da terra, principalmente o pau brasil, por várias mercadorias onde se incluía os anzóis, contas, missangas e inúmeras quinquilharias que os exploradores apresentavam aos nativos do país.

Com a colonização portuguesa foi gradativamente se estabelecendo a circulação monetária nas povoações que aqui se iam fundando e desenvolvendo nos dois primeiros séculos. Esta circulação era naturalmente constituída pela moedagem portuguesa então corrente e também com a moeda espanhola de prata, que desde 1587, logo após o início do domínio espanhol dos Filipines, aqui foi aportando, à medida que se incentivavam as relações comerciais com o Rio da Prata.

A moedagem portuguesa que conseqüentemente devia andar nas mãos da gente de bordo, não só da frota de Cabral, mas também nas que posteriormente mercadejaram com os indígenas, era:

QUADROS DAS MOEDAS PORTUGUESAS APLICADAS IGUALMENTE AO BRASIL NA FASE COLONIAL ATE' 1694.

<i>Reinado de D. Manuel I</i>	1495-1521	ouro de 22 quilates	{	Português	4.000 réis
				Cruzado	400 "
				Quarto de cruzado	100 "
moedas de prata de 11 dinheiros			{	Meio Português	200 "
				Tostão	100 "
				Meio tostão	50 "
				Índio	33 "
				Real ou vintém	20 "
				Meio real	10 "
				Cinquinho	5 "

moedas de cobre	{	Real	40 "
		Ceítíl ou meio real	20 "
<i>Reinado de D. João III</i>	{	Português	4.000 réis
1521-1557		São Vicente	1.000 "
moedas de ouro		Meio São Vicente .	500 "
		Cruzado	400 "
		Tostão	100 "
		Meio tostão	50 "
		Real	20 "
moedas de prata	{	Meio real	10 "
		Cinquinho	5 "
		Real português do-	
		brado	80 "
		Real português	40 "
		Vintém	20 "
		Dez reais	
moedas de cobre	{	Três reais	
		Real	
		Ceítíl ou meio real	
<i>Reinado de D. Sebastião</i>	{	São Vicente	1.000 réis
1557-1578		Meio São Vicente .	500 "
moedas de ouro		Quinhentos reais .	500 "
		Engenhoso	500 "
		Tostão	100 "
		Meio tostão	50 "
moedas de prata	{	Vintém	20 "
		Meio vintém	10 "
		Dez reais	
moedas de cobre	{	Cinco reais	
		Três reais	
		Ceítíl	
<i>Reinado de D. Henrique</i>	{	Quinhentos reais ..	500 réis
1578-1580			
moeda de ouro			
		Tostão	100 "
moedas de prata	{	Meio tostão	50 "
		Vintém	20 "
		Dez reais	
moedas de cobre	{	Cinco reais	
ouro		Quinhentos reais ..	500 réis
<i>Governadores do Reino</i>			
31 de janeiro a 17 de julho	prata	Tostão	100 "
de 1580		Tostão	100 "
cobre		não houve cunhagem	

D. Antônio, o Prior do Crato. (1580-1583), governou em Angra, Ilha Terceira, durante os 3 primeiros anos da ocupação espanhola em Portugal. A cunhagem de D. Antônio foi desmonetizada, não chegando ao Brasil.

<i>Filipe I</i>			
ocupação espanhola	moedas de ouro	{	Quinhentos reais .. 500 réis
			Quatro cruzados .. 1.000 "
			Dois cruzados 800 "
			Cruzado
			400 "
moedas de prata		{	Tostão
			Meio tostão
			Quatro vinténs
			Vintém
			100 "
			50 "
			40 "
			20 "
moedas de cobre		não houve cunhagem	
<i>Filipe II e III</i>			
ocupação espanhola	moedas de ouro	{	Quatro cruzados .. 1.600 réis
			Dois cruzados 800 "
			Cruzado
			Tostão
			100 "
moedas de prata		{	Meio tostão
			Vintém
			50 "
			20 "
moedas de cobre		não houve cunhagem	
<i>D. João IV</i>			
Restauração de Portugal	moedas de ouro	{	Quatro cruzados .. 1.600 réis
			em 1642
			em 1646
			Dois cruzados 800 "
			em 1642
			em 1646
			Cruzado
			em 1642
			em 1646
			3.000 "
			3.500 "
			800 "
			1.500 "
			1.750 "
			400 "
			750 "
			875 "
moedas de prata		{	Cruzado
			Meio cruzado
			Tostão
			Meio tostão
			Quatro vinténs
			Dois vinténs
			Vintém
			Meio vintém
			400 "
			200 "
			100 "
			50 "
			80 "
			40 "
			20 "
			10 "
moedas de cobre		{	Cinco reais
			Três reais
			Real e meio
<i>D. Afonso VI</i>			
moedas de ouro		{	Quatro cruzados .. 3.500 réis
			Dois cruzados 1.750 "
			Cruzado
			Moeda
			Meia moeda
			875 "
			4.000 "
			2.000 "
			1.000 "

moedas de prata	}	Cruzado	400	”
		Meio cruzado	200	”
		Tostão	100	”
		Meio tostão	50	”
		Quatro vinténs	80	”
		Dois vinténs	40	”
		Vintém	20	”
		Meio vintém	10	”
moedas de cobre	}	Cobre		
		Real e meio		
<p style="text-align: center;"><i>D. Pedro II</i> 1667-1706 moedas de ouro</p>	}	Moeda	4.000	réis
		em 1668	4.400	”
		em 1688	4.800	”
		Meia moeda	2.000	”
		em 1668	2.200	”
		em 1688	2.400	”
		Quarto de moeda ..	1.000	”
		em 1668	1.100	”
em 1688	2.200	”		
moedas de prata	}	Cruzado	400	”
		Meio cruzado	200	”
		Tostão	100	”
		Meio tostão	50	”
		Quatro vinténs	80	”
		Dois vinténs	40	”
		Vintém	20	”
		Meio vintém	10	”
		Cruzado novo	480	”
		Dois vinténs	240	”
Seis vinténs	120	”		
		Três vinténs	60	”

*
* *

A MOEDA ESPANHOLA DE PRATA NO MEIO CIRCULANTE DO BRASIL COLÔNIA.

Com o domínio castelhano começa a introdução das moedas espanholas na circulação monetária do Brasil Colonial, no final do governo de Manuel Teles Barreto, em 1587.

Os jesuítas, principais instrumentos da civilização do país no século XVI, foram grandes escritores da primitiva literatura do período colonial, não deixando, porém, obra que se compare ao *Tratado descritivo do Brasil*, do colono português Gabriel Soares de Souza, escrito em 1587, ou a interessante ficção *Diálogos das grandezas do Brasil*, de um anônimo, certamente português, escrito em

1618 e que são os melhores produtos da literatura referente ao Brasil Colônia.

Vejamos, entretanto, o que nos diz a história em documentos do comêço do século XVII.

Conta-nos o autor dos *Diálogos das grandezas do Brasil*:

“Do Rio da Prata costumam e navegam muitos pe-
ruleiros em caravelas de pouco porte, onde trazem soma
grande de patacas de quatro e oito reales e assim prata
lavrada e por lavrar em pinhas e em postas, ouro em
pó e em grão e outro lavrado em cadeias, os quais apor-
tam com estas coisas no Rio de Janeiro, Bahia de Todos
os Santos e Pernambuco, deixando tôda a prata que trou-
xeram na terra, donde tornam carregados das tais fa-
zendas a fazer outra vez viagem para o Rio da Prata”.

Rodolfo Garcia, comentando os citados *Diálogos das grandezas do Brasil*, diz:

“O comércio com o Rio da Prata começou no Go-
vêrno de Manuel Teles Barreto (1583 a 1587)”.

Frei Vicente do Salvador, na *História do Brasil*, edição de 1918, louvando aquêle Governador, diz que foi próspero o tempo de seu govêrno, tanto pelas vitórias alcançadas contra os inimigos, como também porque nesse tempo se abriu

“o comércio do Rio da Prata, mandando o bispo de Tucuman o tesoureiro-mor de sua Sé a esta Bahia a buscar estudantes para ordenar, e coisas pertencentes à Igreja, o que tudo levou e daí por diante não houve ano em que não fôsem alguns navios de permissão real ou de arribada com fazendas que lá muito estimam e cá o preço universal que por êles trazem”.

François Pyrard de Laval, no seu trabalho publicado em Paris em 1615, intitulado *Voyage seconde* e que estêve na Bahia em 1612, espantou-se com a quantidade de dinheiro de prata que ali encontrou, escrevendo:

“Je n’ay jamais vu pays où l’argent soit si commun qu’il est en cet endroit du Brésil, et y vient de la riviere de la Plat, qui est a cinq cens leines de cette baie. Il ne s’y voit guere de petite monnaie, mais seulement des pieces de huit, de quatre et de deux reaux... etc.”.

Como vemos, os dizeres de Pyrard nos elucidam sôbre a circulação da moedagem de prata espanhola existente no Brasil durante o século XVII e que era a quase totalidade do numerário em giro.

Os próprios documentos oficiais da época parecem confirmá-lo. Em uma carta escrita em 5 de janeiro de 1652, pelo conde de

Castelo-Melhor ao Capitão-mor da Capitania do Espírito Santo, Manuel Rocha Almeida, lê-se o seguinte trecho:

“mas porque a principal cópia de dinheiro que há hoje no Brasil é da fábrica antiga do Perú, donde veio quando os navios desta corôa tinham o comércio do Rio da Prata e era tôda de lei...”.

Numa ordem ao Governador Geral, Francisco Barreto, para o envio de dinheiro à Inquisição de Lisboa, datada de 12 de maio de 1661, vê-se esta anotação:

“nem a moeda que corre nesta praça (Bahia) se poderá passar como espécie a Lisboa, sem conhecida perda de seu valor, por ser de rosário...”.

Esta expressão, *por ser de rosário*, referia-se às moedas espanholas de prata do Perú, cujos cunhos do anverso e reverso tinham um círculo de pérolas ou pontos.

Nos levantamentos da moeda realizados no decorrer do mesmo século na metrópole e nos domínios, foram baixadas disposições relativas às denominadas *patacas espanholas*. Pela lei de 25 de novembro de 1582 as moedas espanholas de prata correspondiam aos seguintes valores portugueses:

8 reales	16	vinténs ou	320 réis
4 ”	8	” ”	160 ”
2 ”	4	” ”	80 ”
1 real	2	” ”	40 ”
1/2 ”	1	” ”	20 ”

A êstes valores foi ordenado que se lhes desse curso forçado nas ilhas da Madeira e Pôrto Santo, o mesmo se dando com os Açores, onde o povo refugou a moeda espanhola. Quanto ao Brasil a sua introdução já foi explicada acima.

A circulação da moeda de prata da Espanha, de uma maneira geral, se estendeu por quase todo o mundo.

Encontramô-la em giro, contramarcada ou não, até na China. Outras vêzes é desmonetizada ou recunhada em países estranhos, como entre nós aconteceu nos períodos de D. João, Príncipe Regente, e no de D. Pedro I.

*

* *

OUTROS MEIOS DE ESCAMBO.

Além do numerário português, da moeda espanhola e do ouro em pó, tivemos no país nos dois primeiros séculos após a descoberta, um singular meio de aquisição de utilidades trazida pela escravidão africana.

No Congo e em Angola corria como moeda um molusco univale chamado *zimbo*; como na Bahia também havia êsse molusco, os negros daquela procedência introduziram ali seu uso como objeto de trocas entre si. Era diferente do *cauri*, *caurim* ou *lumache* (*Cyprea moneta*), que servia de ornato e de moeda em outros pontos da África, como também dos *wampuns* que pela época do descobrimento foram encontrados entre os indígenas da América do Norte correndo como moeda. Eram os *wampuns* ornatos fabricados de duas espécies de conchas, umas brancas e outras violáceas ou negras (*Buccinua* e a *Venus mercatoria*), abundante no gôlfo do México. O *wampum* foi considerado como moeda legal mesmo depois da chegada dos europeus, na falta de moeda metálica; os colonos da América do Norte, do gôlfo do México até ao Canadá, serviram-se dos mesmos como estalão de valor até 1670 (5).

(5). — Ernest Babelon, *Les origines de la monnaie*, Paris, 1887.

III

O MEIO CIRCULANTE DO BRASIL HOLANDÊS.

Tendo Portugal passado ao domínio da Espanha em 1580, vieram suas colônias a sofrer o ataque dos holandeses exasperados contra a nação espanhola, que lhes ameaçava a independência.

Por Carta Patente de 3 de julho de 1621, constituía-se na Holanda a *Geocroyerde Westindische Compagnie* (Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais), formada com elementos do comércio de Amsterdão, da Zelândia, do Mosa e de Groningen, cuja finalidade era comercial e conquistar as terras incorporadas à coroa de Espanha na América e na África.

O Estatuto desta Companhia de comércio e conquista dizia que em caso de guerra, seria ela auxiliada pela marinha oficial; sendo subvencionada pelos Estados, a êles caberia metade dos lucros conseguidos.

Foi esta Companhia que em 9 de maio de 1624, com a sua frota armada em guerra, inicia a grande luta com o ataque à Bahia que foi tomada, só conseguindo no ano seguinte expulsar os invasores.

Em 1630, outra esquadra holandesa investe contra Pernambuco e Recife e Olinda são tomadas, caindo pouco depois a Paraíba e, em 1634, Natal.

Em 1637 chega a Recife o príncipe Maurício de Nassau, cuja administração inaugura melhoramentos no Brasil holandês. Nesse ano o Ceará é conquistado.

Em 1640 restaura-se a independência de Portugal, com a expulsão dos Filipes, sendo aclamado rei o duque de Bragança, D. João IV.

Não obstante a trégua feita entre Portugal e a Holanda, continua no Brasil a guerra holandesa. Em 1641 Nassau conquista o Maranhão e Sergipe. Dois anos depois Nassau é chamado à Holanda e com sua ausência cai em visível declínio a prosperidade do Brasil holandês.

Seguem-se sangrentas lutas, até que em 1654, os holandeses capitulam.

MOEDA OBSIDIONAL HOLANDESA.

Moeda obsidional é a denominação que recebem as moedas de emergência emitidas durante um cêrco. E na Numismática nacional as moedas da *Geoctroyerd Westindische Cy* occupam lugar saliente, sendo a abertura dos respectivos ferros sobremodo artística, se comparados com as peças de necessidade pela época emitidas, tais como as da Irlanda, Carlile, Scarborough, etc.

Nas Capitánias assenhoriadas pelos holandeses estabeleceu-se, como era natural, a circulação de moedas da Holanda. Corriam *florins*, *soldos* e *xilins*, moedas das Províncias dos Países-Baixos.

O desenvolvimento econômico exigia um numerário cada vez maior. Havia, porém, grande escassez de dinheiro, dada a irregularidade e a insignificância das remessas, principalmente de moeda miúda. As crises monetárias sucediam-se cada vez mais graves e assim os administradores recorreram a diversos expedientes. Vejamos quais foram êles.

A emissão de ordens de pagamento em número ilimitado sobre remessas de dinheiro que só chegariam da Holanda a longos prazos, empregando-se tais bilhetes com a assinatura dos Conselheiros, para satisfação de dívidas e cobertura de gastos mais prementes.

A falta de trôco obrigava por exemplo, ao pagamento de quatro a cinco soldados com uma moeda de grande valor; a administração entretanto, deixava que os militares resolvessem o problema de reparti-la.

Em 1639, a fim de evitar a introdução de moeda má e o imediato afugentamento da boa, propunha o govêrno de Recife aos diretores da Companhia das Índias a cunhagem na Holanda de moedas especiais, cuja fôrça liberativa legal se circunscrevesse à colônia do Brasil.

O Conselho dos XIX não se deixou seduzir por essa proposta, mas encarregava as Câmaras da Companhia a enviar para Pernambuco a soma de 27.000 florins em moedas de *um soldo*, *dois soldos* e *xelins*. Essa remessa aliviou momentaneamente, mas não sanou a situação precária do meio circulante. Outros fatos vieram agravá-la.

A Armada espanhola, desde alguns meses anunciada, surgiu afinal nas costas da Nova Holanda em janeiro de 1640 e a expectativa de novas incursões por parte dos inimigos fizeram com que a maioria dos habitantes do país enterrasse em lugar seguro o seu dinheiro, especialmente as moedas de alto valor, os apreciados reais de prata da Espanha. Dêsse modo, era retirada da circulação grande parte do numerário em giro.

Para aliviar essa aflitiva situação, viu-se o govêrno obrigado a emitir as denominadas *ordenantian*, isto é, ordens de pagamento garantidas pelas rendas reais em arrecadação, baixando um decreto em que tornava essa aceitação obrigatória em qualquer transação. O limite dessas emissões não era determinado, isto em 1640.

Nesse mesmo ano entravam em circulação *vales*, que eram trocados por farinha de mandioca e carne, de que resultou a desvalorização das *ordenanças*.

Em compensação, a moeda metálica que se havia tornado tão rara no giro comercial, teve uma subida espantosa e com ela os preços dos gêneros de primeira necessidade, tecidos e demais artigos.

Nassau e seus Conselheiros, desejando sair da situação embaraçosa em que se encontravam, propunham aos diretores da Companhia fôsseem aceitas as moedas de ouro, prata e cobre circulando no Brasil com um valor cambial mais alto do que os dos tempos normais, como vemos no quadro abaixo:

1 dobrão de pistola, ouro	10 florins .
1 real de prata espanhola ou stuk van achten	12 florins e 10 soldos.
1 Rixtaler	2 florins e 10 soldos.
1 Taler de 30 soldos	1 florim e 15 soldos.
1 Peça de 28 soldos	1 florim e 13 soldos.
1 Xelim	7 soldos
1 dobrão de soldo	2 1/2 soldos.

Os diretores não aceitaram essa proposta e providenciaram para que fôsseem feitas remessas mais vultuosas de numerário para Recife. E assim, durante um certo período, cessaram as queixas sôbre a falta de moeda, sendo resgatados as *ordenanças* e *vales*.

Em princípios de 1642, navios chegados de Amsterdão descarregavam avultado número de caixas repletas de moeda de ouro conhecidas por *Portugalezas*, que outra coisa não era senão os *Portuguêses* de D. Manuel I e D. João III, ouro de 23 3/4 de quilate, ainda em circulação. Era desêjo do Conselho dos XIX que essas peças fôsseem postas em circulação com o valor cambial de 75 florins cada; sendo, porém, semelhante valor demasiado alto para o Brasil e não se achando absolutamente em relação com o pêsô cotado para as *pistolas* e os 8 *reaes de prata*, o govêrno fêz um reajustamento baixando as *Portugalezas* para 60 florins e as *pistolas dobrões* para 9 florins e 10 soldos.

Para evitar o exôdo da moeda foi criado um impôsto de 10 por cento sôbre as moedas de ouro e prata que saíssem do Brasil. Êsse impôsto se elevava a 15 por cento para os xelins e peças de menor valor.

Em meados de 1642 é criado um Conselho de Finanças para salvar o Brasil holandês da miséria econômica, mas dentro em pouco o Conselho verificava ter sido vítima de fatal ilusão, pois, mal havia iniciado o seu trabalho, nova e terrível crise monetária desabava sobre a colônia. Essa crise, que mais forte se manifestou em 1643, teve várias causas, entre elas o ter diminuído a expedição de numerário e este, quando chegava, mal dava para uma ou duas semanas. Por outro lado os cofres da Companhia estavam extremamente onerados com as grandes construções levadas a efeito por Nassau no levantamento de fortificações e as despesas oriundas da guerra, da colonização e administração do vasto domínio tão rapidamente dilatado.

As transações estavam paralisadas e o dinheiro de prata desaparecera da circulação. As tropas resmungavam e casos de pilhagens e violência já se tinham verificado.

Depois da partida de Nassau a crise financeira toma nova feição. O governo do Brasil holandês já não sabia onde ir buscar dinheiro para pagamento da tropa. A crise se prolonga até que o Conselho resolve abrir um caixote carregado de ouro que viera da Guiné e que se encontrava guardado como mercadoria em trânsito, dêle retirando 360 marcos do metal. Com esse ouro foram cunhadas em Recife pelo Alto Conselho, em nome da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais, as primeiras moedas do Brasil, moedas de necessidade ou de emergência emitidas em 1645, antes do assédio, valendo mais 20 por cento do que as da Holanda, para que não saíssem do território da Colônia, podendo assim mais tarde serem resgatadas.

Essa emissão de moedas de ouro abriu ao governo um novo crédito junto aos comerciantes. Foi, porém, uma melhoria momentânea, agravando-se a situação financeira com os progressos da insurreição pernambucana que já se assenhoreara do sul de Pernambuco e pusera cerco a Recife pelo lado de terra, interrompendo por completo as comunicações da cidade com o interior.

Com a paralisação do comércio na capital sitiada e não sendo mais possível obter dinheiro, o Conselho mais uma vez recorre ao ouro guardado no caixote da Guiné, aliviando-o de mais 359 marcos. Faltando o cadinho para derreter o metal, o Conselho vendia aos comerciantes o ouro, recolhendo aos cofres cerca de 100.000 florins.

Em agosto de 1646, o novo governo de Schoonenborch e os demais membros do Conselho que com êle vieram para o Recife, comunicavam aos senhores da Companhia que o ouro guardado no caixote da Guiné, mais uma vez servira como recurso de salvação e que desta feita, 405 marcos tinham sido vendidos e remetidos ao

moedeiro para a cunhagem. Ao intendente da moeda, Pieter Janszoon Bass foram confiados 355 marcos em ouro para serem convertidos em ducados simples e dobrões brasileiros, num valor total de 119.569, sendo que 18 florins como pagamento do seu trabalho, descontada essa soma do ouro que lhe fôra confiado.

TIPOS E LEGENDAS.

Moedas de ouro batidas no Recife.

As moedas emitidas pelos holandeses em 1645 têm a forma quadrangular ou rombóide, tendo no anverso dentro de um círculo de pontos, as iniciais G W C ligadas, apresentando a inicial W a primeira perna cortada pelo G e a última pelo C. Essas letras representam o nome da *Geoctroyerde Westindische Compagnie*, que capitalizava a ocupação de 1645 a 1654.

No reverso, dentro de um círculo de pontos, em três linhas horizontais: em cima ANO, no centro BRASIL e em baixo a éra.

Os exemplares descritos por Julius Meili, em sua obra *Das Brasilianische Geldwesen, I Theil, Die Munzen der Colonie Brazilien*, têm os seguintes pesos:

Valores	Pêso
XII florins	7,60 grs.
VI "	3,70 grs.
III "	1,80 grs.

Estas peças são conhecidas pelo nome de *gulden*.

Moedas de prata.

Mais tarde, em princípios de 1654 foram batidas moedas de emergência em prata, dada a situação precária em que se achavam os holandeses.

Há sôbre esta emissão um interessante documento histórico:

“No próprio dia da assinatura e ratificação e entrega da cidade de Recife na Campina do Tatorda, reunido o Supremo Conselho, o tesoureiro geral, Jacob Alrischs, declarou estarem os cofres completamente vazios e que mesmo as menores contas não poderiam ser pagas, pelo que foi pôsto em deliberação se não seria de conveniência fazer cunhar moedas de prata para serem emitidas em semelhante extremidade, devendo mais tarde serem resgatadas.

A vista disso, o general Schoonenborch e o conselheiro Haecx ofereceram para êste fim a pouca baixela de prata de seu uso particular, exemplo por ninguém mais seguido.

Fig. 24. — *Moedas obsidionais*. Pernambuco, 1645-1646 a 1654.



I
ouro



II
ouro



III
ouro



IV
prata



V
prata

I — Moeda de XII florins G. W. C., em monograma encimado pelo valor. R/ ANNO — BRASIL — 1646. AV. 7,60 gramas.

II — Idem, de VI florins, igual em tudo à precedente. AV. 3,70 gramas.

III — Idem, de VI florins. ANNO — BRASIL — 1645. AV. 1,80 gramas.

IV — Moeda de XII soldos G. W. C., em monograma encimado pelo valor, por baixo a era 1654. AR. 5 gramas.

V — Idem, XXXX soldos, igual em tudo à precedente. AR. 12,10 gramas (6).

Entretanto, assentou-se que para começar se lançasse mão de 23 libras de prata arranjadas pelo tesoureiro geral, as quais foram entregues a um certo Henrich Brunsvelt, para com elas cunhar peças quadradas, a saber: uma de uma onça (8 angels) que correria por dois florins, outra de quatro oitavas (4 angels) por um florim e a terceira de duas oitavas (2 angels) por 12 soldos”.

Pelo que se deduz do documento acima, foram emitidas moedas de prata dos seguintes valores:

Valores	Pêso
II florins	1 onça
I florim	4 oitavas
XII soldos	2 oitavas

Dêsses valores só se conhece a peça menor de 12 soldos, de que existia um exemplar na coleção Julius Meili.

São peças cunhadas segundo um sistema duodecimal de valores. O exemplar de XII soldos descrito por Julius Meili é uniface, tendo por tipo as iniciais da Companhia das Índias, encimadas pelo valor XII, trazendo no exergo a data 1654.

Além dêsse exemplar de XII soldos da série duodecimal, figuram num sistema decimal de valores:

Valores	Pêso
XXXX soldos	12,10 grs.
XXX ”	8,75 grs.
XX ”	6,5 grs.
X ”	3,25 grs.

As peças desta série decimal são unifaces, tendo no anverso, dentro de um círculo de pérolas ou pontos, as iniciais da Companhia das Índias Ocidentais, encimadas pelo valor e no exergo a data 1654.

Não se conhece documentação alguma determinando a cunhagem destas peças.

(6). — As peças de ouro são conhecidas pela denominação de *gulden* e as de prata por *stuber*.

A moeda de 6 florins de cobre, do ano de 1646, pesava 4,86 gramas.

As moedas de 12 soldos e 40 cruzados, de prata, pesavam respectivamente, 5 grs. e 12,10 grs.

As moedas que acabamos de estudar, principalmente as de prata, são tôdas elas de grande raridade.

Foram estas moedas de caráter particular as primeiras fabricadas no Brasil.

(Continua no próximo número).

ÁLVARO DA VEIGA COIMBRA
Da Sociedade Numismática Brasileira.